

CIMENTO E CAL

*Mariana Corteze*¹

Esta série compõe uma narrativa poética, visual e textual a partir de uma apropriação do escrito de Andy Jankovki² e a polêmica relação surgida no começo de 2017 junto a cidade de São Paulo no programa de governo “Cidade Limpa” de João Dória.

E como uma espécie de invasão, no sentido de tornar próprio e urgente um manifesto de imagens cheias de grãos, que evidencio as tantas partículas de vida que brotam em meio a cidade, em meio aos nossos tempos e espaços. Imagens estas que estão embranquecidas, cobertas por uma camada espessa que desbota suas cores, suas diferenças. Em termos fotográficos, é talvez o que se conhece por superexposição ou pelo não controle da quantidade de luz que incide na câmera, desmodelando assim a imagem, arruinando e desorientando o cerne do mundo da fotografia que se ampara no equilíbrio da capturação de luz. Logo, por se mostrar tão pálida, a série Cimento e cal produz um tom desagradável aos olhos curiosos e tão próximos da tela, na incerta tentativa de perceber suas nuances, seus contornos, suas minúcias estouradas e polvilhadas em clarão.

Nesse sentido, este desprezioso agrupamento sensível suscita devaneios possíveis entre a petrificação do cimento e desvanecer do cal. Sugerindo, ao seu modo, manchas, descamadas, descaminhos de expressão, metamorfoses imaginadas, transfigurações experimentadas, nodoas de imagem, festejos de linguagem. É sobretudo, uma produção que grita uma vivacidade que inventa outros espaços, outros percursos fora do estabelecido, criando um ambiente de conversa, de troca de substância rara daquilo que nos faz. Nesses cruzamentos, podemos, quem sabe, extrapolar o território da página, do muro, do corpo urbano, artístico, político e até visceral. Afinal, hoje mais do que antes, é preciso estremecer, confrontar. É indispensável não temer. Em um país que tem cor, tem útero, tem amor, resistir é movimento de enfrentamento, de transformação social.

É gesto que tece processos participativos, experiências práticas e reflexivas que ensinam a libertar.

Ressignifiquemos então o viver e o conviver: por cidades com almas mais coloridas.



¹ É graduada em Estudos Artísticos pela Universidade de Coimbra (UC) e em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), onde atualmente é mestranda na linha de Processos criativos e poéticas do cotidiano.

E-mail: maricorteze@hotmail.com, <https://www.behance.net/marianacorteze>

² É mestranda em Multimeios pelo Instituto de Artes da UNICAMP, formada em Cinema e Vídeo na UNESPAR/FAP e colunista da Revista Parágrafo 2. Acesso ao texto referência: <http://paragrafo2.com.br/2017/01/19/a-pixacao-nao-e-arte-e-nao-e-para-ser/>











